

A DISCUSSÃO DA QUESTÃO AMBIENTAL

Paulo Rafael Fenelon Abrão¹

RESUMO: A abordagem da questão ambiental pela população geral e pela comunidade científica vem aumentando nos últimos 30/40 anos de forma acelerada, sendo que, vários conceitos surgem acerca deste tema diariamente. Outrossim, muito do que se fala e se produz é eivado de demagogia, sensacionalismo ou mesmo ceticismo. O presente trabalho visa demonstrar alguns dos pontos de vista dos pesquisadores para que seus estudiosos possam ter mais uma ferramenta de discernimento e pesquisa. Busca-se ainda, a demonstração de uma visão de destaque a cerca da problemática ambiental e seu desenvolvimento no senso comum.

Palavras-chave: Ecodesenvolvimento, sustentabilidade e problemática.

ABSTRACT

The approach to environmental

issues by the general population and the scientific community has been increasing over the past 30/40 years at a rapid pace, and, several concepts emerge on this subject daily. Moreover, much of what is spoken, and if it is riddled with demagoguery, sensationalism or even skepticism. This paper demonstrates some of the views of researchers so that their students may have another tool of discernment and research. Search is also a demonstration of a vision of highlighting some of the environmental and development on common sense.

Keywords: Eco-development, sustainability and issues.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 30/40 anos a questão ambiental vem se desenvolvendo de forma extraordinária.

Para uma parcela da população, a questão ambiental é vista com extrema demagogia, para outra parcela, com extrema seriedade e sensatez, não podendo esquecer de mencionar os céticos. Verifica-se a importância do tema abordado ao analisarmos a interdependência entre a espécie humana e a natureza.

Para GERHARDT e ALMEIDA (2005) a questão do meio ambiente, crise ecológica ou, ainda, problemática ambiental, têm se incorporado profundamente às discussões mais relevantes da sociedade em geral, sendo atualmente discutidos por amplos e variados setores da sociedade.

FOLADORI (2004) considera que “A presente crise ecológica conduziu a uma revisão de paradigmas em antropologia, e ao questionamento da contribuição da disciplina para a elaboração das políticas ambientais e para a

luta dos movimentos ambientalistas.”

Importante considerar a posição de LAYRARGUES (1997), o qual considera que:

Ao contrário do que ocorreu na origem do ambientalismo, o objeto de escolha do pensamento ecológico atualmente não se situa mais entre desenvolvimento ou proteção do meio ambiente. A escolha se coloca precisamente entre que tipo de desenvolvimento se deseja implementar de agora em diante, uma vez que, após a criação das tecnologias limpas a nova vantagem competitiva no mercado, desenvolvimento e meio ambiente deixaram de ser considerados como duas realidades antagônicas, e passaram a ser complementares.

Percebe-se ao analisar o tema escolhido que a questão ambiental está na pauta do dia, surgindo, pois, diversos posicionamentos acerca dos motivos relevantes à crise ambiental. Para que as diversas opiniões não acabem por desestimular o estudo da questão ambiental, bem como novas propostas e alternativas, necessário se torna um trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema para que se possa separar as propostas demagógicas das propostas sensatas.

2 A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO AMBIENTAL

A evolução da questão ambiental dentro das discussões globais pode ser bem definida em decorrência da Conferência de Estocolmo, foi criado o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o

Meio Ambiente), Programa Observação da Terra (Earthwatch), que monitora as diversas formas de poluição. Foi também criada a CMMAD (Comissão Mundial para o meio ambiente e Desenvolvimento). Durante cinco anos (1983/1987) essa Comissão, composta por 21 países-membros da ONU e presidida pela senhora Gro Harlem Brundtland (primeira-ministra da Noruega), pesquisou a situação de degradação ambiental e econômica do planeta. Em 1987, a CMMAD produziu seu relatório, que ficou conhecido como Relatório Brundtland ou “Nosso Futuro Comum”. Tal relatório, que vem servindo de fundamentação para a elaboração de propostas políticas a serem debatidas na RIO/92, trouxe à baila dois conceitos: o de “desenvolvimento sustentável” e o de uma “nova ordem econômica internacional”. Estas novas expressões, muito abstratas e ambíguas, vêm sendo interpretadas das mais diversas formas pelos diferentes atores sociais, ora despertando o nosso imaginário e uma certa esperança milenarista, ora alimentando suspeitas acerca de uma conspiração do hemisfério norte contra o sul. Assim é que os otimistas chegam a enxergar na RIO/92 a instauração de uma ansiada Era de Aquário, de inauguração da sensatez, da justiça social e do espírito de fraternidade entre os povos do mundo, supondo que os mandatários dos cerca de 150 países-membros aqui chegarão, de espíritos desarmados e corações abertos, para passar uma borracha no livro da História e traçar novas estruturas políticas para uma convivência feliz. Os pessimistas, por sua vez, vêm na RIO/92 apenas um novo estágio do neocolonialismo, o processo

final de uma campanha orquestrada pelo Primeiro Mundo, que quer tomar para si a biodiversidade, ou seja, os recursos genéticos dos ecossistemas localizados no Terceiro Mundo, bem como nas palavras de HERCULANO (1992): “Legitimar um programa, já em curso, de dizimação das populações terceiro-mundistas”.

LAYRARGUES (1992) expõe que:

Atualmente, em todos os foros de debate, documentos oficiais e publicações científicas, o uso indiscriminado do conceito de desenvolvimento sustentável, termo definitivamente legitimado e absorvido pela comunidade ambientalista após a Conferência do Rio. Julga-se que ocorreu uma evolução conceitual do ecodesenvolvimento para o desenvolvimento sustentável, e portanto, ambas expressões poderiam ser consideradas e utilizadas como sinônimo. Contestando esta afirmativa, o presente ensaio prossegue o raciocínio de dois pesquisadores que procuram desmistificar o debate sobre os estilos de desenvolvimento, e promove uma análise comparativa entre os princípios do ecodesenvolvimento com o desenvolvimento sustentável, onde percebemos as diferenças que denunciam a falsidade da afirmação. A perspectiva da análise de discurso dos textos onde se encontram suas respectivas matrizes teóricas, esclarece definitivamente o quadro ideológico escamoteado por trás do discurso legitimador do desenvolvimento sustentável, assumido inge-

nuamente pela comunidade ambientalista.

Para Coelho (2002):

Dominantes e dominados no campo, através da evolução de argumentos e a consequente constituição de estratégias, guiam-se, invariavelmente, pela tentativa de legitimar/afirmar suas proposições, ou seja, proposições englobadas no seu espaço de domínio do campo tecnocientífico. (...) Do lado dos dominantes, não é a incorporação de uma “preocupação ambiental” o elemento capaz de provocar o abalo de uma orientação produtivista e da supremacia da “boa ciência” como a instância promotora de legitimidade no campo tecnocientífico. Por sua vez, os opositores tentam se fazer valer da dimensão ambiental como mais um elemento a engrossar o seu arsenal de críticas ao modelo de modernização, bem como uma forma de impulsionar a visibilidade e legitimidade da agroecologia. (...) Para tanto, sua proposição não pode ser contestada pelo viés ambiental, ao contrário, deve assumir a forma ‘ambientalmente correta.

Citando GLICO (1994):

Conforme a una definición estrictamente ecológica, la sustentabilidad es la capacidad de un sistema (o unecosistema) de mantener constante su estado em el tiempo. Esto se logra ya sea manteniendo invariables los parámetros de volumen, tasas de cambio y circulación, ya sea flutuando-

los cíclicamente em torno a valores promedios.

Na verificação teórica da questão ambiental pode-se verificar que várias são as abordagens acerca deste tema. A idéia de massificação dos conceitos ambientais e suas abordagens práticas ficou muito bem expressada nas palavras de GERHARDT e ALMEIDA (2005).

Em linhas gerais, o principal mecanismo atuante neste processo o qual pode igualmente ser estendido para o caso da instituição e consolidação de um campo ambiental em permanente formação reside na própria repetição cotidiana, contínua das principais idéias sobre meio ambiente e sua consequente apropriação pelo senso comum. Assim, em se tratando dos inúmeros temas específicos relacionados de alguma forma à problemática ambiental, ou seja, aquilo que está sendo considerado “problema ambiental”, será através desta articulação repetitiva de acostumação dos dizeres discursivos e das ações empreendidas que certas evidências sobre um assunto qualquer poderão ser criticamente partilhadas por todos (e isso vale para o uso de agrotóxicos, o desmatamento das florestas, a caça de animais silvestres, o extrativismo predatório, a destinação do lixo, o efeito estufa, a perda de biodiversidade, o uso de materiais geneticamente modificados e assim por diante). Contudo, tais conflitos subentendem o estabelecimento de um consenso, um lugar comum em que, contraditoriamente, os interlocutores possam apresentar seus argumentos ou fatos, trocar opiniões divergentes ou convergentes e constatar ou refutar evidências

em relação a um determinado problema já previamente eleito como relevante. Mas, repare-se que, apesar de tudo, tal problema em questão já não poderá ser simplesmente desqualificado ou negado como não existente. Desta forma, a produção de idéias e de práticas que irão dar consistência a um sentido comum que, de uma forma paradoxal, mantém-se em meio a uma permanente discórdia e contradição discursiva sobre temas ambientais resultará da repetição contínua dos argumentos utilizados pelos agentes, sendo o seu grau de aceitação dependente não apenas da qualidade e da coerência do discurso proferido, mas, igualmente, da posição ocupada pelo seu proponente e do maior ou menor grau de influência deste junto aos demais agentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se com a análise dos posicionamentos aludidos que a questão ambiental muitas vezes pode estar sendo utilizada para a defesa de interesses próprios das categorias dominantes economicamente, por outro lado, que em diversos momentos as abordagens são realizadas de forma consciente em busca de ações que realmente busquem a melhoria da problemática em si.

Para alguns dos pesquisadores, o simples aumento da discussão acerca da questão ambiental já é um ótimo indício acerca da evolução do discurso, a qual gera efeitos positivos frente à problemática ambiental. Todavia, deve-se ter sempre em mente a preocupação com as políticas ambientais que estão sendo desenvolvidas com a bandeira do desenvolvimento

sustentável e do ecodesenvolvimento, pois em inúmeros casos são apenas a fumaça para manutenção da exploração econômica e manutenção do capital nas mãos dos capitalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Vanessa P. Mediadores técnicos, tecnociência na agricultura e a definição legítima da problemática ambiental no campo tecnocientífico. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2002. 187p. [disponível em www.ufrgs.br/pgdr].

GERHARDT, Cleyton H.; AL-

MEIDA, Jalcione. A dialética dos campos sociais na interpretação da problemática ambiental: uma análise crítica a partir de diferentes leituras sobre os problemas ambientais. *Ambiente & Sociedade*, Campinas-SP, v. VIII, n. 2, 2005.

GLICO, N. Los factores críticos de la sustentabilidad ambiental del desarrollo agrícola. *Ciência e Ambiente*, n. 9. p. 39-55, jul/dez, 1994.

HERCULANO, Selene. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, Mirian (coord.). *Ecologia, Ciência e Política*. Rio de Janeiro: Revan, 1992. p. 9-48.

LAYRARGUES, Philippe P. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito? *Proposta*, 71, 1997.

FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. v. 10, n. 2. *Mana*: Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200004-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 May 2008.